
**LA EMOCIONADA MANO DEL EDITOR: PEDRO DE NOVO Y COLSON
E A PUBLICAÇÃO DO RELATO DA EXPEDIÇÃO MALASPINA-
BUSTAMANTE (1885)**

**LA EMOCIONADA MANO DEL EDITOR: PEDRO DE NOVO Y COLSON
AND THE PUBLISHING OF THE MALASPINA-BUSTAMANTE
EXPEDITION REPORT (1885)**

Ismael Calvi Silveira
Mestrando em História
amangaer@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho pretende analisar a *Introducción histórica*, escrita por Pedro de Novo y Colson, da obra *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navio D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*, relato que reporta os êxitos da expedição de dos dois referidos oficiais, mas que só foi publicado quase um século depois de ter sido escrito. Nosso intuito é localizar o contexto de publicação da obra e quais os propósitos que levam Novo y Colson a publicá-la. Com isso, pretendemos mapear uma determinada posição da Espanha do sistema-mundo do século XIX (Wallerstein, 1979). Para tanto, analisaremos os elementos pré-textuais (dedicatória) e a introdução em si com o intuito de traçar a quais situações Novo y Colson procurava responder.

PALAVRAS-CHAVE: História e literatura. Expedições científicas. História da ciência.

ABSTRACT: This paper intends to analyze the *Introducción histórica*, written by Pedro de Novo y Colson, of the book *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navio D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794*, a report that describes the expedition realized by those Spanish officers and that was only published nearly a century after it was written. Our intent is to locate the book's publication context and the reasons that lead Novo y Colson to publish it. By doing so, we intend to map a certain position occupied by Spain inside the system-world of the 19th century (Wallerstein, 1979). To do so, we will be analyzing the pre-textual elements and the introduction itself intending to trace which questions Novo y Colson was trying to answer.

KEYWORDS: History and literature. Scientific expeditions. History of science.

Introdução

Em 1885 chegava ao público o livro *Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navio D. Alejandro*

Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794. Apesar de escrito quase cem anos antes de sua publicação, o relato da expedição empreendida por Alejandro Malaspina e José de Bustamante ficou esquecido e juntando pó nos arquivos espanhóis... Até que um membro da Real Academia de Historia, Pedro de Novo y Colson, teve a “sorte” de encontrar-se com os manuscritos “perdidos”. Quando o historiador publica a obra, o seu impacto certamente não foi o mesmo que poderia ter sido, caso isto tivesse ocorrido à época de sua escrita – mas, mesmo assim, para Novo y Colson, trata-se de um trabalho de valor educativo e que precisava ser tornado público para corrigir um desagravo cometido para com um eminente navegador espanhol.

Neste artigo vamos reconstruir o contexto em que o editor se encontrava em 1885, tendo como pano de fundo o desenvolvimento da *leyenda negra* e daquilo que Mignolo (2011) caracterizou de “diferença imperial/colonial”. Elaborando estes dois conceitos em conjunção com o de “sistema-mundo” (Wallerstein, 1979), pretendemos demonstrar que a especificidade do contexto de publicação da obra deve orientar o estudo do livro em si, já que ele se trata de uma seleção do material produzido por Alejandro Malaspina. O próprio Pedro de Novo y Colson alertava, ao fim do *Viaje...*, que a publicação continha apenas uma parte de todos os textos e dados da expedição, cujo tamanho total era sete vezes maior que aquilo que veio a entrar na seleção final. Portanto, é preciso perceber que o contexto de publicação do diário integra uma série de contextos que se sobrepõem. Paula Monteiro já alertava, em 2006, sobre a pluralidade de vozes que se depositam nas fontes históricas. Segundo a autora:

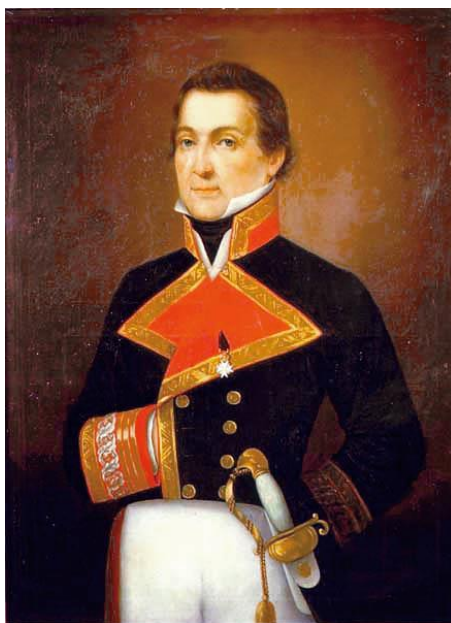
[...] O conjunto das fontes deve, pois, ser tratado como uma narrativa na qual se depositam inúmeras vozes, em contraponto ou em uníssono, e em tempos diferentes. [...] Assim, as fontes devem ser transcritas de uma forma suficientemente ampla para devolver, ao mesmo tempo, o contexto histórico em que se produziram determinados acontecimentos, o contexto narrativo em que se articulam as informações e o contexto cultural a partir do qual os relatos foram escritos e ao qual eram destinados. (MONTEIRO, 2006:13)

Este artigo, portanto, é um primeiro esforço de nossa parte para desvendar e mapear estes contextos sobrepostos que culminam, em 1885, com a publicação do relato da expedição. Todavia, não trataremos de maneira extensa os outros dois contextos: o da viagem em si e o de sua escrita. Estes serão brevemente apresentados, de maneira a tornar o contexto

de publicação mais claro. O foco central, como já referimos, será análise da *Introducción histórica* a partir dos conceitos de “diferença imperial/colonial”, de Mignolo (2011), de “ponto zero”, de Castro-Gómez (2005) e também a partir daquilo que Michel de Certeau (1982), em trabalho já clássico, definiu como “lugar de produção.”

Alejandro Malaspina e a viagem político-científica

Figura 1. Alessandro Malaspina



Fonte: WikimediaCommons.

No ano de 1754, em Mulazzo, no Grão-Ducado da Toscana, Itália, nascia Alejandro Malaspina, filho do marquês de Mulazzo, Carlos Morello Malaspina. Todavia, o privilégio da herança recaía sobre o primogênito Azzo Giacinto, enquanto a Alejandro e a Luigi restava escolher entre a carreira eclesiástica ou a militar, costume tradicional entre as famílias nobres. Nosso personagem foi encaminhado ao colégio Pio Clementino, em Roma, para ter uma educação religiosa sob a tutela de Antonio Maria de Lugo, eclesiástico da Congregação de Somasca. Todavia, o jovem Alejandro se recusou a seguir o caminho da religião, deixando a congregação em 1773 para ser ordenado na Ordem de Malta e, pouco menos de um ano depois, em 1774, ingressar na Real Armada Española.

Diferentemente da maioria dos oficiais da época, como ressalta Manfredi (1994), Malaspina tinha uma inclinação intelectual e nunca se separava dos livros.¹ Assim, nosso futuro capitão uniu a sua formação clássica com a leitura de obras inovadoras (leia-se: proibidas). Juntando inteligência e coragem a eficientes serviços em nome da Coroa, o jovem italiano ascendeu rapidamente nas fileiras da marinha até chegar ao cargo de capitão de fragata, em 1782². Em 1786, Malaspina realizava aquela que viria a ser o “ensaio” de sua mais famosa expedição: uma viagem de circunavegação encomendada pela Real Companhia de Filipinas – a primeira desse gênero feita em uma nave especificamente militar. Durante dois anos, o capitão italiano atravessou o globo até aportarem Cádiz, de onde tinha zarpado. Essa primeira experiência serviu para inculcar-lhe algumas problemáticas que diziam respeito à política e à economia do Império espanhol, de maneira que essas questões o levaram, então, a formular um plano para uma nova expedição. Ainda em 1788, Malaspina e José Bustamante y Guerra apresentam a D. Antonio Valdés, ministro da Marinha, o *Plan de un viaje científico y político alrededor del mundo*.

Conforme indicava o título, a viagem teria um duplo sentido: por um lado, se propunha a fazer investigações científicas e promover avanços especialmente nas áreas de cartografia, hidrografia e história natural – e devemos ressaltar o forte caráter utilitarista³ que estas ciências tinham; por outro lado, Malaspina se propunha a fazer uma avaliação das condições políticas das colônias ultramarinas espanholas⁴. Andrés Galera Gomez aponta para

¹ Este trabalho não se propõe a discutir nem a biografia de Malaspina, nem a sua trajetória, entretanto, faz-se necessário declarar que estamos conscientes dos perigos daquilo que Pierre Bourdieu (1996) chamou de “a ilusão biográfica”. Segundo o autor, tal ilusão se baseia no pressuposto “[...] de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto.” (BOURDIEU, 1996:184) Compreendemos, assim, que as ações não são todas premeditadas e que a vida de um sujeito não o conduz em linha reta a um final único. Ressaltamos, então, que os dados aqui apresentados referentes à trajetória ou biografia do capitão italiano são extraídos de outros trabalhos que já se ocuparam deste esforço.

² Para maiores informações sobre a biografia de Alessandro Malaspina, conferir: IGEA, Juan Pimentel. *Ciencia y política en el pensamiento colonial de Alejandro Malaspina (1754-1794)*. 539 f. Tese (Doutorado em História) - Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense de Madrid, Madri, 1994; e MANFREDI, Dario. *Alejandro Malaspina: La América imposible*. Madrid: Companhia Literária, 1994.

³ Tanto Burke (2003:119-120) quanto Baeza e Leiva (2004:37) nos alertam para a importância deste valor prático das ciências. A utilidade (especialmente a econômica) dos conhecimentos provenientes das expedições científicas foi, certamente, um dos grandes atrativos para a realização das mesmas, ao menos do ponto de vista das Coroas. Este aspecto também está ligado ao clima intelectual do Despotismo Ilustrado, que buscava estimular, entre outras coisas, a eficiência do Estado.

⁴ Este caráter político da expedição está estritamente vinculado à pessoa de Alejandro Malaspina (GOMEZ, 1987:375) e é por isso que nós não faremos referência a José de Bustamante y Guerra, que para os propósitos

a ênfase dada a este segundo aspecto da expedição: “La condicion política del viaje alrededor del mundo organizado por Alejandro Malaspina es un hecho abiertamente reflejado en el contenido de su plan, y parece evidente que su aprobación por la corona estuvo estrechamente relacionada con esta cualidad del proyecto.” (GOMEZ, 1987:373) O autor também afirma que a expedição foi uma resposta necessária às condições políticas externas à Espanha, como a grande presença de expedições inglesas e francesas ao Novo Mundo. Segundo Gomez:

La expedición Malaspina surge como una respuesta obligada, necesaria y demandada por los territorios de ultramar, ofrecida por la corona española en defensa de su ya maltrecha hegemonía, teniendo como principal finalidad la reforma del anticuado y decadente sistema colonial. Paralelamente a esta faceta política emerge un relevante proyecto científico que, acorde con el modelo expansivo, las inquietudes y el sentimiento autosuficiente de la época, dirigía sus pasos a la conquista intelectual del globo. (GÓMEZ, 1990:10)

Malaspina e sua expedição contavam com o apoio de diversos políticos reformistas importantes, como Antonio Valdés, Francisco Cabarrús, Gaspar Melchor de Jovellanos, além dos condes de Floridablanca e de Campomanes. Mas, acima de tudo, tal projeto tinha a aprovação do rei Carlos III. O rei, contudo, faleceu poucos meses após aprovar o plano, sendo sucedido por Carlos IV, que manteve a permissão para a realização da viagem. Segundo David Weber, a expedição...

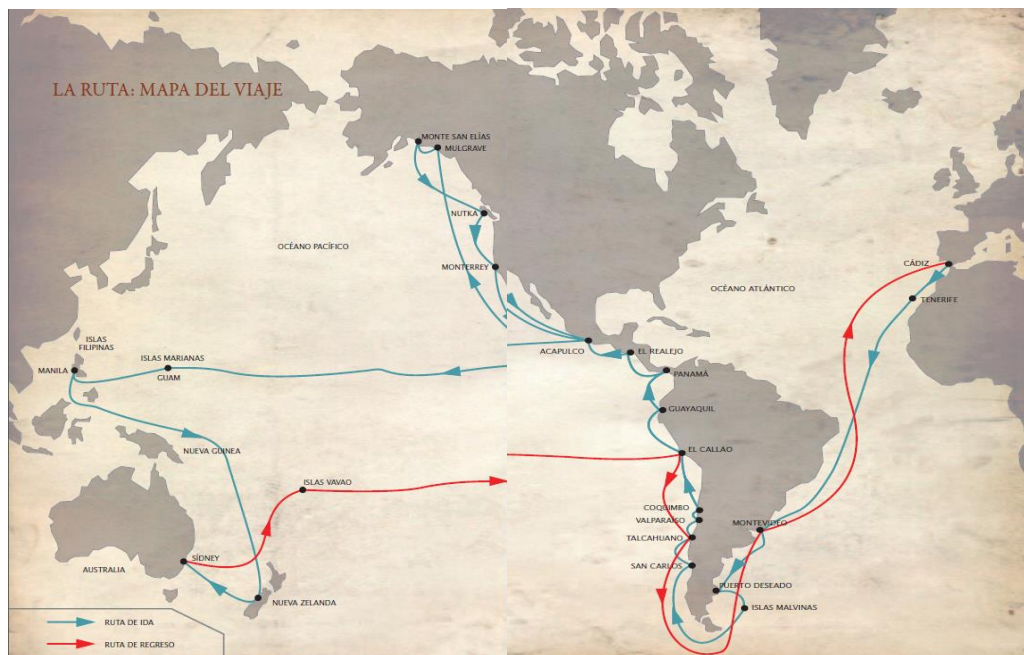
[...] se puso en marcha en un momento en el que los intelectuales, bajo la influencia del pensamiento ilustrado, cuestionaban la autoridad de los textos antiguos y buscaban conocimientos basados en pruebas observables. [...] Los gobiernos coloniales patrocinaban estas empresas científicas con la esperanza de que se tradujeran en beneficios económicos y políticos. (WEBER, 2007:40)

deste texto servirá apenas como um “coadjuvante de luxo”. Bustamante, todavia, também teve méritos próprios tanto na Marinha, como na política. Ele era capitão de fraga e foi governador de Montevideu (1797-1804) e *Capitán General* da Guatemala (1811-1818). Compreendo, entretanto, que José de Bustamante y Guerra escreveu o seu próprio relato sobre a viagem, mas tanto pela nossa impossibilidade de acesso a esta fonte quanto pelos já referidos propósitos deste trabalho, ele não constará aqui.

Depois de aproximadamente um ano de preparação as naves *Atrevida* e *Descubierta* – batizadas em homenagem às embarcações de capitaneadas pelo inglês James Cook, *Resolution* e *Discovery* – finalmente partiram de Cádiz em 30 de julho de 1789, poucos dias depois do início das agitações da Revolução Francesa. O itinerário, de maneira resumida, foi o seguinte: Cádiz – Tenerife – Montevidéu - Puerto Deseado - Ilhas Malvinas - San Carlos – Talcahuano – Valparaíso –Coquimbo - El Callao – Guayaquil – Panamá - El Realejo – Acapulco – Monterrey –Nutka –Mulgrave - Monte San Elías – Acapulco – Guam – Manila - Nova Zelândia e Austrália, ponto final da ida e início do retorno. Saindo de Sidney e passando pelas Ilhas Vava'u, quando os marinheiros, então, cruzaram o Pacífico até El Callao, para seguir por Talcahuano e aportar novamente em Montevidéu. A esta altura, a Espanha havia declarado guerra à França. Assim, os expedicionários foram forçados a esperar quatro meses até reunirem-se com um comboio, em função do risco iminente e de sua baixa capacidade bélica. No dia 21 de setembro, depois de cinco longos anos no mar, a expedição enfim retorna a Cádiz.⁵

Figura 2. La Ruta: Mapa del viaje.

⁵ Como o foco deste trabalho é a publicação da obra, que ocorre quase um século depois da chegada das embarcações em Cádiz, não vamos nos aprofundar nos pormenores da viagem. Porém, cabe ressaltar que os planos de Malaspina para empreender a circunavegação foram frustrados quando ele chegou a Acapulco. Ao aportar no México, recebeu a ordem de buscar pelo passo do Noroeste, uma suposta ligação entre os oceanos Pacífico e Atlântico localizada em algum ponto do Alasca. A origem mítica desta possibilidade remonta ao século XVI, quando os europeus ainda buscavam uma passagem marítima para o Pacífico, e lhe rendeu o nome de Estreito de Anian (Anian é uma das províncias chinesas descritas por Marco Polo). O estreito teria sido encontrado por Lorenzo Ferrer Maldonado em 1588, mas durante anos ninguém foi capaz de confirmar a existência do passo ou autenticar a veracidade do relato deste viajante. Mas Phillippe Buache, geógrafo francês, apresentou uma obra à Academia de Paris no intuito de comprovar a existência do dito Estreito em meados do século XVIII. As ordens da monarquia espanhola foram dadas como uma espécie de resposta a esta possibilidade. Malaspina, assim como outros viajantes, comprovaram que não há passagem entre os dois oceanos a nordeste do globo. Para maiores detalhes sobre o Passo do Nordeste, ver: GÓMEZ, Andrés Galera. *Alejandro Malaspina. En busca del paso del Pacífico*. Madri: Historia 16, 1990; e para maiores informações sobre a expedição Malaspina, ver: GÓMEZ, Andrés Galera. *Las corbetas del rey: El viaje alrededor del mundo de Alejandro Malaspina (1789-1794)*. Bilbao: Fundación BBVA, 2010



Fonte: GÓMEZ, Andrés Galera. **Las corbetas del rey: El viaje alrededor del mundo de Alejandro Malaspina (1789-1794)**. Bilbao: Fundación BBVA, 2010, p. 142-143

Por fim, quando em solo espanhol, Malaspina começou a escrever o seu relato e o apresentou à corte em 1795 junto com notas secretas de cunho político. Ainda que o texto fosse “[...], además, unverdadero resumen de los intereses que movieron a la corona a organizar el viaje, es decir, los económicos y políticos, estos últimos tanto externos como internos” (BAEZA e LEIVA, 2004:57), o seu resultado não havia agradado à monarquia (GOMEZ, 2010:134). Com o medo que a revolução na França havia despertado, o clima favorável aos reformistas que imperou durante todo o reinado de Carlos III já não existia mais sob a égide de Carlos IV. Todos os ministros ilustrados que apoiaram o capitão italiano no passado encontravam-se presos ou exilados, com a exceção do conde de Floridablanca. Malaspina, entretanto, ascendia na vida política e fora promovido a brigadeiro. Foi a sua péssima relação com o primeiro ministro Manuel Godoy que acabou por lhe destruir. Vítima de uma armação, o italiano foi acusado de conspiração e de ser revolucionário. Expulsaram-lhe da Marinha e o condenaram a 10 anos e um dia de reclusão no castelo de Santo Antão, em La Coruña. Em 1803, entretanto, sua pena se converte em exílio e ele é degradado para a Itália.

Esta longa introdução era fundamental para apresentar Alejandro Malaspina e sua expedição antes de prosseguirmos. Sem refazer este percurso, seria difícil compreender o

porquê de o relato só ter sido publicado quase um século depois de ter sido escrito. Como se pode imaginar, a prisão do brigadeiro italiano condenou não só a sua pessoa, mas também a sua obra. Com seu encarceramento, o manuscrito foi abandonado nos arquivos espanhóis, sentenciado a permanecer no esquecimento público. Pelo menos até 1885 quando a emocionada mão de seu editor, Pedro de Novo y Colson, o encontrou em meio a tantos outros documentos.

Pedro de Novo y Colson e a *Introducción histórica*

Os estudos sobre Alejandro Malaspina recaem, normalmente, sobre a expedição em si ou na biografia do capitão – foi o que pudemos averiguar até o momento, pelo menos. Parece-nos, portanto, que às condições de publicação do *Relato* nunca é dada a devida atenção. Todavia, há mais de 20 anos Roger Chartier já nos avisava que “[...] é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor [...]” (CHARTIER, 1992:220) O que estamos fazendo neste trabalho é, portanto, desvendar como a mão do editor interfere no texto e tenta conduzir o leitor por sentidos específicos.

Pedro de Novo y Colson (1846-1931) nasceu em Cádiz e descendia de italianos. Assim como Malaspina, Colson também pertenceu à Real Armada, chegando aos cargos de *Teniente de Navío* e *Contralmirante*. Além disso, nosso editor ainda escrevia peças de teatro e era membro da *Real Academia de História* e da *Real Academia Española*. Todavia, não pudemos encontrar muitas outras informações sobre este personagem, já que a ele, aparentemente, não foi dedicada tanta atenção quanto ao capitão cuja obra Colson editou e publicou no século XIX. Façamos, então, a análise da *Introducción histórica* feita pelo editor.

Antes mesmo de iniciar o texto histórico, são apresentados dois elementos pré-textuais que dizem muito sobre o sentido da publicação do texto. A obra é dedicada ao Excelentíssimo Sr. D. Juan B. Antequera y Bobadilla (1823-1890), *Ministro de Marina*. É significativo que um trabalho de tal porte, descrevendo detalhadamente uma expedição tão extensa (1789-1794) e que passou tantos anos sem ser publicado, seja dedicado justamente ao ministro da marinha. Além disso, também é relevante notar que o próprio ministro já havia realizado uma

viagem de circunavegação do globo (1865-1867), a primeira a bordo de um encouraçado de guerra (LA PIÑERA Y RIVAS, 1990:29-30). Vejamos, então:

Excmo. Señor:

Animado por mi entrañable amor á nuestra Armada, me atrevo hoy á dar á luz la inapreciable joya que durante cien años estuvo encerrada en el polvo de los archivos; y al buscar el nombre de un navegante contemporáneo á quien dignamente pudiera dedicársela, he hallado que á V. E. asiste el mejor derecho, **nó por la alta posición que ahora ocupa** (cualquiera que sea la gloria que en ella logre), **sino por los grandes méritos que contrajo como Jefe de la fraga Numancia en su asombroso viaje de circunnavegación.**

No es dudoso que V.E. verá con sumo agrado enaltecidos al fin, por sus propias obras, á esos marinos eminentes que dirigieron la famosa expedición de las corbetas *Descubierta* y *Atrevida*. **Yo me felicito de que este verdadero desagravio se efectúe en momentos de encontrarse al frente de la marina el antiguo Comandante del primer acorazado que dió la vuelta al mundo**, con sorpresa de Europa, y en momentos de hallarse á punto de emprender un viaje igual la fraga *Blanca*, á cuyos Oficiales reportará esta obra grande instrucción y noble estímulo.

Con la mayor consideración y respeto saludo á V. E. y B.S.M.,

Pedro de Novo y Colson. (NOVO Y COLSON, 1885) [grifos nossos]

Se olharmos atentamente às passagens grifadas em negrito, notaremos que Colson dedica o livro a Bobadilla não por sua alta patente militar, mas pelos seus méritos enquanto marinheiro. A exaltação dos sucessos da marinha espanhola parece-nos ser a chave que guia a publicação desta obra. O editor não se apresenta senão como o veículo pelo qual se opera o desagravo a um grande colega marinheiro. Ainda antes de iniciar seu texto propriamente dito, Colson recorre à mais uma forma de validação pré-textual: ele traz uma epígrafe de Martín Teodoro Fernández de Navarrete y Ximénez de Tejada (1765-1844), historiador espanhol que foi contemporâneo de Malaspina.

El viaje de Malaspina es el más brillante testimonio que a fines del siglo pasado dio nuestro Gobierno **del laudable interés que se tomaba en aumentar los conocimientos de la ciencia** de nuestro globo... **Útil para el mundo y honroso para la Nación española** hubiera sido la publicación de este viaje, coordinado por los Oficiales de la expedición y sabios que los acompañaron; pero por un trastorno de ideas inconcebible, las resultas de la desgracia, causa y prisión de su Comandante Malaspina, alcanzaron a una empresa que nada tenla que ver con sus supuestos crímenes, y en odio del autor ó Jefe de la expedición, se sepultaron todos los trabajos propios de los hombres científicos y aplicados que llevó a sus órdenes. [...] Quedaronse sin

imprimir todos los derroteros y excelentes relaciones del viaje, llenas de luminosas observaciones astronómicas y mineralógicas, de descripciones físicas y políticas, y de nociones nuevas sobre la Historia Natural de los países recorridos. (NAVARRETE apud NOVO Y COLSON, 1885) [grifos nossos]

Navarrete já demonstrava a mesma preocupação de Pedro de Novo y Colson, e o nosso editor se apressou para se munir de auxílio em sua defesa à necessidade da publicação. Unindo a dedicatória a uma figura de eminente prestígio náutico e se valendo da citação de um historiador que lhe precedeu no elogio à expedição Malaspina-Bustamante, Novo y Colson constrói, antes mesmo de iniciar sua *Introducción histórica*, uma sólida fundação para os seus argumentos vindouros. Trata-se de um trabalho de imenso valor para a nação, rica em conhecimentos científicos, técnicos e políticos, e que serviria para melhor instruir os marinheiros da atual geração.

Como lembra Roger Chartier, em toda obra “[...] o leitor encontra-se invariavelmente inscrito no texto [...]” (CHARTIER, 1992:215) Neste caso, Colson apresenta seus desejados leitores: historiadores e navegadores, mas não só os espanhóis. Quando inicia sua *Introducción*, o faz reportando-se ao livro *Historia general de los Descubrimientos Maritimos* do britânico William Desborough Cooley.⁶

En 1775, dos buques españoles [...] contribuyeron en algo a los progresos de la Geografía, examinando superficialmente la costa de N.O. de América entre los 47 y 57° de latitud. Esta expedición había recibido orden de llegar hasta el paralelo de 65°; pero *los navegantes españoles no habían estudiado tanto como los de otras naciones la ciencia de levantamientos de planos* y su examen de la costa no pasó de los 57° [...] *la ignorancia de los españoles* igualaba en esta época á su reserva y su silencio [...]. (COOLEY apud NOVO Y COLSON, 1885:i) [grifos do autor]

⁶William Desborough Cooley (1795–1883) foi um geógrafo e historiador irlandês. Cooley teve uma vasta produção envolvendo expedições marítimas e, inclusive, foi um dos fundadores da Hakluyt Society, sociedade que existe até os dias atuais. Segue a descrição que se acha em seu site, “Founded in 1846, the Hakluyt Society seeks to advance knowledge and education by the publication of scholarly editions of primary records of voyages, travels and other geographical material.” (Fundada em 1846, a Sociedade Hakluyt procura avançar o conhecimento e a educação através da publicação de edições eruditas de relatos de primeira mão de viagens, viajantes e outros materiais geográficos) [tradução livre] (HAKLUYT SOCIETY. Disponível em: <<http://www.hakluyt.com/>>)

Como podemos notar nas passagens grifadas acima, Cooley não tinha a marinha espanhola em alta consideração, para dizer o mínimo. David Weber nos lembra que há muito tempo a “[...] España había servido a los hablantes de lengua inglesa como un modelo que había que evitar en lugar de emular [...]. (WEBER, 2007:16) Assim, quando Colson inicia seu texto com uma citação como essa, há um propósito claro. Primeiro, ele precisava mostrar-se a par da produção especializada da época; e em segundo lugar, ele reforçava a necessidade de publicar a obra de Malaspina para defender-se daquele tipo de acusação, e portanto fazendo coro com a epígrafe: seria útil publicar aquela obra.

Todavia, o editor e autor da *Introducción* não poderia refutar abertamente ao britânico, que era tido pelo mundo como uma autoridade no campo da história das expedições marítimas. Assim firma-se aquilo que Walter Mignolo (2011) descreve como diferença colonial/imperial⁷: como aquela epistemologia foi desenvolvida em outro lugar (a Europa do norte, ou “coração da Europa” de Hegel), Colson não pode negá-la por completo, devendo se submeter a ela. Portanto, podemos dizer que Cooley operava a partir do ponto zero de observação⁸ e, para Mignolo, operar na...

[...] hubris of the zero point blinds you to the fact that other people, with their own existence and knowledges, do not have the same problems you have and therefore could care less about your knowledge, until the moment that you impose it on them and tell them they do not know about themselves what you know about them. [...] However, you assume that you ‘know’ them because you describe them and include them in your *system of knowledge* and in your *epistemic architectonic*. (MIGNOLO, 2011:192) [grifos do autor]⁹

⁷A diferença colonial diz respeito, como se pode imaginar, a essa assimetria produzida pelas relações coloniais, o que Mignolo chama de “colonialidade do conhecimento”. Segundo o autor: “Coloniality of knowledge doesn’t mean that knowledge was colonized, but that hegemonic ways of knowledge and disciplinary world-making, since European Renaissance, were instruments of colonization and, as a consequence, of colonization of non-European knowledge.”(MIGNOLO, 2011:189) (Colonialidade do conhecimento não significa que o conhecimento foi colonizada, mas que formas hegemônicas de conhecimento e disciplinas criadoras de mundos têm sido, desde a Renascença europeia, instrumentos de colonização e, como consequência, da colonização de conhecimentos não-europeus.) [tradução livre] Já a diferença imperial diz respeito às relações entre os Estados europeus: ela determina a hierarquia interna do continente, criando qualidades que se pretendem universais e, portanto, impondo-as aos outros.

⁸Segundo Santiago Castro-Gómez: “Con ello [o ‘ponto zero’] me refiero al imaginario según el cual, un observador del mundo social puede colocarse en una plataforma neutra de observación que, a su vez, no puede ser observada desde ningún punto. [...] Los habitantes del punto cero (científicos y filósofos ilustrados) están convencidos de que pueden adquirir un punto de vista sobre el cual no es posible adoptar ningún punto de vista”. (CASTRO-GÓMEZ, 2005:18)

⁹[...] hybris do ponto zero o cega para o fato que outras pessoas, como sua própria existência e conhecimentos, não têm os problemas que você e, portanto, não podiam se importar menos com o seu conhecimento, até que

É dentro desta perspectiva que entendemos que Colson pôde afirmar o seguinte: “Ahora debo añadir que no era suya la culpa de la ignorancia que demuestra respecto a los méritos contraídos por navegantes españoles: debíase en gran parte a la *reserva* y el *silencio* que guardábamos, como acertadamente dice Desborough Cooley.” (NOVO Y COLSON, 1885:v) [grifos do autor] A culpa passa, assim, da diferença imperial que reafirma a hegemonia do conhecimento britânico para a reserva e o silêncio espanhóis. Aqui, Pedro de Novo y Colson está, claramente, se referindo à *leyenda negra* que se erigiu ao longo dos séculos sobre o legado colonial espanhol. O editor faz um ataque cauteloso tanto a Cooley quanto à Espanha, mas deposita peso maior na sua investida contra as políticas de sua nação. E ele prossegue:

Es verdaderamente sensible la indiferencia cuando nó la oposición demostrada por nuestros Gobiernos hacia las tentativas de dar a luz tantas brillantes demostraciones de lo que ha valido siempre a la Armada española. Creeríase, quizás, que el abandono ó falta de propósito de nuestros marinos, hicieran difícil la compaginación y arreglo de sus apuntes para ser publicados, mas por el contrario, suspenden y arroban el espíritu las metódicas e interesantes narraciones que manuscritas yacen condenadas a perpetuo encierro. **Por suerte, en ocasiones (raras) una mano audaz ó generosa arranca del estante algún legajo y lo arroja a la prensa.** Esto hago yo ahora, **no audaz ó generoso, sino verdaderamente subyugado**, aturdido, lleno de emoción gratísima y de patrio orgullo, ante la lectura del asombroso al par que desconocido viaje de circunnavegación efectuado por los españoles desde 1789 a 1794, a bordo de las corbetas *Descubierta* y *Atrevida*. (NOVO Y COLSON, 1885:v) [grifos nossos]

Chegamos, enfim, ao ponto em que, para diminuir a carga negativa sobre a Coroa, o editor deposita sobre si mesmo a função de corrigir os erros do passado. Pedagógica e emocionadamente, Pedro de Novo y Colson saca os manuscritos de Malaspina da escuridão empoeirada dos arquivos e o lança à prensa para que veja a luz. Sem audácia nem afronta à monarquia, mas verdadeiramente subjugado e cheio orgulho pátrio. Acreditamos que ao fazer isso, o editor revela algumas pistas sobre o que realmente o levou a publicar o relato. Em

você o imponha sobre eles e lhes diga que eles nada sabem sobre si aquilo que você sabe sobre eles. [...] Porém, você assume que os "conhece" porque você os descreve e os inclui no seu sistema de conhecimento e na sua arquitetônica epistêmica. [tradução livre]

primeiro lugar, ele nos revela o lugar em que produziu a introdução e editou o livro. Lembramos aqui o que disse Michel de Certeau sobre a operação historiográfica:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 1982:65-66)

O texto de Colson se organiza entre os seus lugares de pertencimento (a Real Armada e a Real Academia de História), locais que criam a exigência de uma etiqueta própria – e eis que se justifica novamente a dedicatória a um eminente oficial da marinha. O interesse em trazer o texto de Malaspina a público é o de instruir espanhóis, mas também o de responder a às necessidades do seu pertencimento institucional. Ele não poderia atacar frontalmente a Espanha por ser um funcionário do governo, mas também não pode ignorar a etiqueta historiográfica, por tentar fazer com que seu texto reconhecido no meio acadêmico.

Em segundo lugar, Novo y Colson revela sobre a situação da Espanha noséculo XIX. Segundo Certeau, a história está “[...] fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, a história não pára de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas [...]” (CERTEAU, 1982:45-46) A escrita da história, portanto, diz respeito ao passado que busca compreender, mas também sobre a sociedade em que se está inserido. Relembrando, assim, do ponto zero de observação no qual Cooley operava, é importante notar que para Castro-Gómez “[...] lo que permite invisibilizar el lugar de enunciación del conocimiento es el modo en que la ciencia y las ambiciones geopolíticas empiezan a quedar articuladas en el sistema-mundo moderno/colonial a partir del siglo XVI.” (CASTRO-GÓMEZ, 2005:22) Acreditamos, então, que a *Introducción* também serve para demonstrar o deslocamento da Espanha dentro deste sistema-mundo. Para Immanuel Wallerstein, o sistema-mundo é...

[...] es un sistema social, un sistema que posee límites, estructuras, grupos, miembros, reglas de legitimación, y coherencia. Su vida resulta de las fuerzas conflictivas que lo mantienen unido por tensión y lo desgarran en la medida que cada uno de los grupos busca eternamente remodelarlo para su beneficio. Tiene las características de un organismo, en cuanto a que tiene un tiempo de vida durante el cual sus características cambian en algunos aspectos y permanecen estables en otros. Se puede definir sus estructuras como fuertes o débiles en momentos diferentes en términos de la lógica interna de su funcionamiento. (WALLERSTEIN, 1979:489)

A partir do século XVI, com a conquista da América e com o advento da modernidade, o desenvolvimento do sistema-mundial capitalista organiza uma partilha do mundo.¹⁰ Porém, as estruturas desse sistema não são fixas e os seus participantes estão sujeitos a deslocamentos dentro desta organização. Ainda segundo Wallerstein “Las economías-mundo están divididas, pues, en Estados del centro y áreas periféricas [...]. Existen también áreas semiperiféricas que están entre el centro y la periferia en una serie de dimensiones [...]. Algunas de estas áreas eran áreas centrales en versiones anteriores de una cierta economía-mundo [...].”(WALLERSTEIN, 1979:492) Este, parece-nos, é o caso da Espanha. Até o século XVIII a monarquia hispânica ocupava um lugar de centro em relação a suas colônias, mas com as independências, no XIX, a Espanha desloca-se até uma posição de semiperiferia europeia que não se encontra em condições para competir com os países de centro, como a Inglaterra ou a França, por exemplo. Isto fica mais claro, na nossa percepção, se analisarmos os motivos que Pedro de Novo y Colson dá para publicar a obra de Malaspina:

Primero: á fuer de vindicación cumplida, y dato irrefutable que hará impresión en el pueblo inglés, marítimo por excelencia y gran maestro en las empresas navales. (NOVO Y COLSON, 1885:vi)

Segundo: porque España debe á aquellos nobles hijos suyos un desagravio, aunque tardío, mostrando al mundo sus prendas eminentes y abriéndoles paso a la inmortalidad ganada por su ciencia, ya que no todos, afortunados como Galiano y Valdés, la merecieron por las armas. (NOVO Y COLSON, 1885:vii)

¹⁰Cabe ressaltar, entretanto, que o sistema-mundo europeu não é efetivamente hegemônico no mundo até o século XVIII, quando a Revolução Industrial o coloca em outro patamar de competição econômica que o permite passar à frente de outros sistemas-mundo. Para maiores informações, conferir: WALLERSTEIN, Immanuel. **El moderno sistema mundial: La agricultura capitalista y los orígenes de la economía-mundo europea en el siglo XVI**. Ciudad de México: Siglo XXI, 1979.

Tercero: porque tanto se adelantaron á su tiempo aquellos sabios Oficiales y tan profunda y discretamente meditaba Malaspina, que, comenzando por los preparativos de los buques y concluyendo por el desarme de los mismos á su regreso, son hoy (¡pasando un siglo!) enseñanzas provechosísimas todas sus páginas para la marina actual, y más directamente para los que se disponen á emprender el viaje de circunnavegación en la fragata Blanca. (NOVO Y COLSON, 1885:vii)

Vamos nos focar, por ora, na primeira razão apresentada acima: a de que a publicação daquela obra causará impacto no povo inglês. Ora, que melhor maneira de combater a Cooley e aos impropérios britânicos do que lhes fornecer uma prova do mérito espanhol? Um ato de patriotismo, mas também de submissão. É importante publicar para que o mundo (leia-se: o mundo britânico) veja que a Espanha já deu mostras de ter imensa capacidade científica, de ter marinheiros qualificados. Colson então submete o livro ao crivo dos pares historiadores. Lembramos que:

O público não é o verdadeiro destinatário do livro de história, mesmo que seja o seu suporte financeiro e moral. Como o aluno de outrora falava à classe tendo por detrás dele seu mestre, uma obra é menos cotada por seus compradores do que por seus "pares" e seus "colegas" [...]. (CERTEAU, 1982:71)

Embora a relação entre os “pares” que se depreende do primeiro ponto explicitado por Colson não seja tão simétrica quanto o termo “pares” pretenda indicar. A relação aqui é vertical em função da diferença imperial: temos, por um lado, o povo “marítimo por excelência e grande mestre das empresas navais”, cuja historiografia os reafirma como tais, e por outro lado, o povo cujo “silêncio e reserva” mascara os seus sucessos e que é tratado como ignorante pela historiografia do primeiro.

O segundo e o terceiro motivo saem das justificativas externas e funcionam internamente. Eles são direcionados aos espanhóis, e talvez mais especificamente ao governo. O emocionado editor deve tomar cuidado para não cometer gafes ou ofensas aos seus superiores e precisa tornar a evocação da memória de um personagem até então renegado pela oficialidade como algo necessário. Um desagravo há muito merecido.

A estas três primeiras razões para publicar a “*Viaje político-científico alrededor el mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navio D.*

Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra desde 1789 a 1794” junta-se uma quarta, considerada por Pedro de Novo y Colson como a mais importante:

A tan buenas razones fáltanos añadir la más poderosa; evitar que España reciba una lección que le avergüence, pues vergonzoso sería que otro país, anticipándose, diera a luz esta mismo obra. No era remoto el peligro. Me consta que un hombre de ciencia y alto funcionario de Chile ha sacado copia (por orden de su gobierno y con autorización del nuestro), de todos los manuscritos, cartas y hasta dibujos pertenecientes al viaje de las corbetas [...]. (NOVO Y COLSON, 1885:vii) [grifos do autor]

Não bastasse o silêncio e a reserva, a indiferença e a oposição espanholas em relação ao relato de Malaspina, havia o perigo iminente de que o Chile, ex-colônia, publicasse o manuscrito antes que a Espanha! Se nos lembrarmos do esquema do sistema-mundo, esta é uma afronta que deve ter parecido realmente grave: se a Espanha deixasse o Chile publicar a obra antes, seu descrédito perante a comunidade intelectual seria ainda maior. Patrioticamente, o editor deixa que a emoção tome conta de sua mão e apressadamente leva o manuscrito à prensa para publicá-lo. Novamente ressurge o caráter pedagógico que Colson dá à publicação, tão presente ao longo de toda a *Introducción*.

Conclusões

Como já referimos anteriormente, os trabalhos que consultamos acerca da expedição de Alejandro Malaspina e José de Bustamante y Guerra não apresentam uma reflexão sobre a materialidade do texto, ou seja, sobre essa sua primeira edição de 1885. O que tentamos fazer aqui foi explicitar os motivos que levaram Pedro de Novo y Colson a publicar a obra e também como a atuação do editor na *Introducción...* funcionam como um guia para a seleção dos textos operada por ele, pois, como o próprio Colson avisa, o relato é apenas parcial, já que seria inviável publicar todos os manuscritos pelo seu volume excessivo.

Parece-nos de fundamental importância fazer esta reflexão, considerando que tais fatores orientam tanto a leitura da obra quanto a sua própria confecção enquanto fonte histórica. Se por um lado a análise da obra em si deve ser a parte mais importante do trabalho do historiador que se proponha a trabalhar com Alejandro Malaspina, não há como escapar

dessa questão da organização do relato. Como afirmam Alejandro de Oto e Jimena Rodriguez, do mesmo modo “[...] que la historiografía reordena el texto ordenado por el viajero escritor y produce una poética y una política concretas de la escritura de la historia, el relato de viajes es el resultado de una operación sobre los recuerdos y las notas del viajero.”(OTO e RODRIGUEZ, 2008:29) Neste caso específico, há mais do que uma reordenação – há aquela realizada por Malaspina quando escreveu o texto e aquela feita por Colson quando o publicou.

Voltamos, assim, para a primeira citação deste texto, quando Paula Monteiro nos alertava sobre as diferentes vozes e contextos que estão contidos nas fontes: no *Viaje...* há três contextos que se sobrepõe e devem ser levados em consideração. Há o contexto da viagem (1789-1794), o da escrita (1794-1795) e o da publicação (1885). Os três se articulam de uma forma tal que não podem ser levados em consideração isoladamente. Para chegar às mãos do leitor como um artigo acabado, diversas operações de organização, censura e seleção foram empregadas.

Mary Anne Junqueira já nos avisou que as “incertezas e indeterminações fazem com que a fonte seja fecunda e instigante aos olhos do historiador. Entretanto, é imprescindível que o profissional redobre os cuidados ao trabalhar com ela.” (JUNQUEIRA, 2011:46) Seja porque o termo *literatura de viagem* diz respeito a um corpus documental bastante heterogêneo ou pela forte presença do imaginário dos viajantes nas suas representações do Outro, tratar com esse tipo de fonte exige uma atenção específica. E se um relato de viagem publicado logo após ter sido escrito já nos causa tantas preocupações, o que dizer de um que demorou cem anos para ser publicado? As transformações sofridas pela Espanha certamente mudaram a recepção do livro e as expectativas que o levaram a ser publicado. Estes fatores, como já dissemos, precisam ser levados em consideração e explicitados pelo historiador. Este é, portanto, o nosso primeiro esforço para tentar desvendar essas complicadas e múltiplas transformações pelas quais o texto de Malaspina passou entre o primeiro contexto (o da viagem) e o último (o da publicação), passando também pelo intermediário (o da escrita).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAEZA, Rafael Sagredo e LEIVA, José Ignacio González. Introducción. In: ____ (eds). **La Expedición Malaspina en la frontera Austral del imperio español**. Santiago de Chile: Editora Universitaria, 2004, p. 25-140.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)**. Bogotá: Editorial Pontificia UniversidadJ averiana, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. Textos, Impressão e Leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova História cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

GÓMEZ, Andrés Galera. La expedición Malaspina. In: PESET, Jose; SELLES, Manuel e LAFUENTE, Antonio (org.). **Carlos III y la ciencia de la Ilustración**. Madri: Alianza Editorial, 1987.

GOMEZ, Andrés Galera. **Alejandro Malaspina. En busca del paso del Pacífico**. Madri: Historia 16, 1990.

GÓMEZ, Andrés Galera. **Las corbetas del rey: El viaje alrededor del mundo de Alejandro Malaspina (1789-1794)**. Bilbao: Fundación BBVA, 2010.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne e FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. Vol. 2. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011.

LA PIÑERA Y RIVAS, Alvaro de. **El almirante Juan Bautista Antequera y Bobadilla y su vinculación con la región murciana**. Murcia, 1990 [online] Disponível em: <http://www.regmurcia.com/docs/murgetana/N082/N082_002.pdf>, acessado em: jan. de 2014.

MALASPINA, Alejandro. **Viaje político-científico alrededor del mundo por las corbetas Descubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navío D. Alejandro Malaspina y Don José de Bustamante y Guerra, desde 1789 á 1794** / publicado con una introducción por Pedro de Novo y Colson. Madrid: Imprenta de la viuda é hijos de Abienzo, 1885

MANFREDI, Dario. **Alejandro Malaspina: La America imposible.** Madri: Compañía Literária, 1994.

MIGNOLO, Walter. **The darker side of western modernity: global futures, decolonial options.** Durham: Duke University Press, 2011.

OTO, Alejandro de e RODRIGUEZ, Jimena. Sobre fuentes y relatos de viaje. In: FERNÁNDEZ, Sandra; GELI, Patricio Andrés; e PIERINI, Margarita (org.) **Derroteros del viaje en la cultura: mito, historia y discurso.** Rosario: Prohistoria Ediciones, 2008, p. 21-32

WALLERSTEIN, Immanuel. **El moderno sistema mundial: La agricultura capitalista y los orígenes de la economía-mundo europea en el siglo XVI.** Ciudad de México: Siglo XXI, 1979.

WEBER, David J. **Bárbaros. Los españoles y sus salvajes en la era de la era de la Ilustración.** Barcelona: Editora Crítica, 2007.